

COMPARAÇÃO DA IMIGRAÇÃO EUROPEIA E INSERÇÃO SOCIOPOLÍTICA DOS IMIGRANTES E SEUS DESCENDENTES NAS REGIÕES SUL, VALE DO ITAJAÍ E NORTE DE SANTA CATARINA (1850-1920)

*João Henrique Zanelatto*¹

*Povoar não é, a exemplo do que tem ocorrido entre nós, atrair imigrantes e localizá-los, empiricamente, no território do país. Antes de praticarmos um plano sistemático de rodovias, antes de resolvermos o problema da navegabilidade dos rios e o da construção dos portos, não conseguiremos povoar o Brasil racionalmente. Povoar é ligar os nódulos da nossa população ganglionar, esparsa em núcleos alongados pelo interior do país. E, para uni-los, para tira-lhes a fisionomia gregária, devemos abrir, para todos, vias de comunicação.*²

A citação acima faz parte do manifesto à Nação lida por Getúlio Vargas em junho de 1934. Vargas tecia uma crítica à forma como vinha se processando o povoamento do território nacional, á falta de vias de comunicação, rodovias, ferrovias e portos impediam a unidade sócio-econômico-político-cultural da Nação. Em sintonia com o discurso de Vargas, no Sul Catarinense, cónsules e a imprensa local enunciavam que as vias de comunicação consistiam no grande entrave para o desenvolvimento das áreas de imigração da região. Esta situação não ocorria em boa parte das áreas de imigração do Vale do Itajaí e Norte do estado, suscitando diferenças entre essas regiões.

Deste modo, não se tem à intenção de fazer aqui um estudo do processo de imigração europeia do século XIX e XX para o Brasil e Santa Catarina, pois existe uma quantidade razoável de estudos nas mais variadas perspectivas sobre a temática³. Pretende-se apenas apontar para peculiaridades da imigração

¹ Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Docente do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Líder do grupo de pesquisa “História Econômica e Social de Santa Catarina”, com pesquisas no campo da história política e do trabalho. E-Mail: <jhz@unescc.net>.

² VARGAS, Getúlio. *As diretrizes da nova política do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943, p. 281-282.

³ Destacam-se aqui algumas obras que contribuíram para este estudo. DE BONI, Luis Alberto (org.). *A presença italiana no Brasil*. 3 vols. Porto Alegre: 1987, 1990, 1996. TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989. SANTOS, Roselys Isabel Correa dos. *A terra prometida: emigração italiana: mito e realidade*. 2. ed. Itajaí: Editora da UNIVALI, 1999. CERVO, Amado Luis. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália*:

européia em Santa Catarina, em especial na comparação das regiões do Sul, Vale do Itajaí e Norte do estado. Busca-se apontar para as especificidades do processo de inserção sócio-econômico-político dos imigrantes e seus descendentes nessas regiões.

O Sul do Brasil, na década de 1930, se constituía no local de maior concentração de imigrantes e descendentes de imigrantes europeus de todo o país. Espalhados pelo litoral e pelo interior, tais grupos apresentavam identidades próprias, culturas diferentes, linguagens distintas, diferenciando-se de muitos imigrantes estabelecidos em São Paulo, que rapidamente assimilaram o modo de vida urbano, perdendo seus costumes de origem. Por outro lado, os colonos do Sul, em sua maioria isolados em relação aos hábitos das cidades, conservaram comportamentos e tradições semelhantes aos de sua pátria de origem.

Em Santa Catarina, a instalação de núcleos coloniais de origem estrangeira remete à primeira metade do século XIX. Entretanto, esse processo se intensificaria a partir de 1850, com a fundação da Colônia Blumenau, no médio Itajaí-Açu; “em seguida, foram fundadas as colônias de D. Francisca (1851), Itajaí-Brusque (1860) e Ibirama (1889)”⁴. Já o Sul Catarinense, seria ocupado somente a partir de 1873, com a criação da colônia espontânea no Vale do Braço do Norte com migrantes alemães procedentes de São Pedro de Alcântara e Teresópolis⁵. A imigração italiana para o Sul Catarinense foi ocorrendo quando o governo imperial nomeia, em 1876, o engenheiro Joaquim Vieira Ferreira para instalar e organizar uma colônia no Vale do Tubarão. Assim, em 1877, era fundado o núcleo colonial de Azambuja, seguida por Urussanga em 1878, e Criciúma em 1880⁶. Em 1882, era também criada nas terras do Conde d’Eu e da princesa Isabel, localizadas nas cabeceiras dos rios Tubarão, Braço do Norte e Gravatal, a colônia Grão Pará, ocupada por imigrantes de várias etnias⁷. Posteriormente, outros núcleos coloniais privados ou particulares foram sendo criados na região.

Em muitos desses núcleos coloniais, foram conservadas tradições culturais, falando a língua e manifestando costumes e hábitos, denotando em alguns

o papel da diplomacia. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Instituto Italiano di Cultura, 1992. MAGALHÃES, Marionilde. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo do desenvolvimento econômico*. Porto Alegre: Movimento, 1974. _____. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: FCC, 1992.

⁴ SEYFERTH, *A colonização alemã...*, p. 30. A autora aponta, também, para a localização destas colônias, seus fundadores, bem como as que eram de caráter privado ou governamental, além do surgimento de outros núcleos.

⁵ DALL’ALBA, João Leonir. *São Ludgero para o Brasil: memórias do Padre João Pereira Kuns*. Orleans: FEBAVE, 2005. A vinda desses migrantes para o Vale do Braço do Norte foi uma articulação do padre alemão Guilherme Frederico Clemente Roher. Esses migrantes em sua maioria eram católicos.

⁶ FERREIRA, Fernando Luis Vieira. *Azambuja e Urussanga: memória sobre a fundação, pelo engenheiro Joaquim Vieira Ferreira, de uma colônia de imigrantes italianos em Santa Catarina*. 2. ed. Orleans: Gráfica do Lelo, 2001. PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Editora da UFSC; Lunardelli, 1983.

⁷ DALL’ALBA, João Leonir. *Pioneiros nas terras dos condes*. 2. ed. Orleans: Gráfica do Lelo, 2003.

casos uma profunda identificação com o país de onde os imigrantes provinham. O processo colonizador que fixou levas de imigrantes provenientes de diversos países em diferentes regiões do estado produziu uma população heterogênea, que convivia em meio à diversidade cultural. Essa diversidade se refletia, por exemplo, na paisagem no Vale do Itajaí, onde estavam localizados os imigrantes alemães, italianos e russos.

Assim, quem percorre com atenção o Vale do Itajaí, verá modificar-se a visão panorâmica, conforme o terreno em que pisa. Ao passo que o colono alemão, embora policultor, se dedica mais ao plantio intensivo de cereais, como o de origem russa, caracteristicamente agricultor, com tendência para a indústria colonial de transformação, o colono italiano, é mais partidário da cultura intensiva e não tão variada; seus produtos principais são arroz e tabaco. O aspecto cultural é também outro nas manchas em que predomina o elemento teuto. As casas obrigatoriamente de material (tijolos), quando o lavrador atingiu determinado progresso econômico, tem o estilo assemelhado, ao da região, na Alemanha, de que procedia o imigrante, acrescidas sempre de uma varanda compondo geralmente a fachada frontal do prédio, ou, o que é mais raro, lançando-se também por uma das fachadas laterais em forma de ângulo reto, para as defender do calor, dando deste modo uma nota bizarra e alegre à paisagem. O imigrante italiano por sua vez, quando habita em casa de tijolos, o que não se vê com a mesma freqüência, assenta-a nos moldes das construções da Itália do norte ou sul-tirolesas. Só os que já chegaram quase à abastança têm casas assobradadas de dois andares.⁸

De maneira geral, em Santa Catarina os núcleos coloniais foram organizados na base de pequenas propriedades; inicialmente a vida dos grupos coloniais agrícolas estava voltada para autossuficiência tanto nas tarefas, visando tanto atender às necessidades alimentares da família como ajudar os familiares e vizinhos mais distantes. A agricultura era diversificada com uma produção de alimentos para consumo familiar. Além da produção doméstica, criavam alguns animais e produziam alguns produtos para a comercialização, como o fumo e a mandioca para o fabrico da farinha. Nessas atividades, toda a família estava envolvida, habitavam uma pequena propriedade, que incluía a casa de moradia, o local de cultivo, estábulo, galinheiro e chiqueiro. Algumas propriedades possuíam engenho e atafona para a fabricação da farinha de mandioca, açúcar, cachaça, e descascava-se o arroz.

Mesmo participando de alguma forma do mercado, esses grupos se afirmaram

⁸ D'AMARAL, Max Tavares. *Contribuição da colonização alemã no Vale do Itajaí*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1950, p. 71.

pelo isolamento de suas atividades econômicas. Tinham uma especificidade própria na execução do trabalho coletivo. Esse envolvia várias tarefas que eram realizadas por todos, homens, mulheres, crianças e velhos. O relacionamento social envolvia uma solidariedade com a vizinhança: os trabalhos na roça e o socorro, em caso de doenças, aconteciam mutuamente entre as famílias nas colônias agrícolas.

Até aqui parece não haver diferenças no processo de colonização nas várias regiões de Santa Catarina, mas elas existem e elucidá-las constitui-se em um dos caminhos possíveis para se compreender as peculiaridades dessas regiões e como se processou a inserção sócio-econômico-política dos imigrantes e seus descendentes no estado.

Essas diferenças podem ser compreendidas quando se observam a proveniência, em termos de lugar ou época, de cada grupo de imigrantes, à imigração europeia se processou em vários contextos. Destacam-se aqui três contextos de entrada de imigrantes europeus no Brasil: a) Em primeiro lugar os imigrantes que entraram no Brasil e Santa Catarina entre 1850 e 1870 em especial alemães e italianos vieram em um contexto no qual ainda não havia o estado nacional, sendo que os vínculos desses imigrantes eram com as regiões procedência. Em segundo, a partir de 1871 a imigração foi se processando no contexto dos estados nacionais italianos e alemães já constituídos. Por fim, a Imigração do pós Primeira Guerra Mundial foi ocorrendo no contexto de crise das democracias liberais e ascensão do fascismo e do nazismo. O exposto vem demonstrar que entre os imigrantes europeus e seus descendentes mesmo possuindo vidas semelhantes (certo isolamento, formas associativas ou práticas comunitárias – igreja, escola, sociedades de atiradores salões de bailes, jornais...), estas escondiam variações crescentes de padrão econômico, influência política e preparo intelectual⁹.

Comparando a colonização das regiões de Santa Catarina nas fontes documentais

Uma fonte bastante rica para se perceber as diferenças entre as regiões são os relatórios consulares. Em 1900, Gherardo Pio di Savóia, Régio Cônsul da Itália, em Florianópolis, ao visitar as colônias italianas em Santa Catarina, fez um comparativo entre as colônias do Sul e as do Vale do Itajaí e Norte do estado, principalmente com as colônias italianas e alemãs. Impressionado com as diferenças da condição de vida existentes entre as áreas de imigração alemã e as de imigração italiana, em seu relatório ao ministério dos Negócios Estrangeiros da Itália, procurou apontar as razões pelas quais às colônias teutas do Vale do Itajaí e Norte estavam mais desenvolvidas que as do Sul.

Em primeiro lugar, a colonização italiana não teve os guias capacitados que a germânica encontrou em seu próprio

⁹ Essas reflexões podem ser encontradas em FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2000.

*seio: o Dr. Blumenau, o Dr. Müller, os senhores Wendeburg, Breithaupt, Odebrecht (...) e muitos outros egrégios personagens que se dedicaram ao sucesso da colonização alemã com verdadeira paixão e com critérios práticos e racionais(...).*¹⁰

Se por um lado para os núcleos coloniais italianos tanto os do Norte quanto os do Sul Catarinense vieram exclusivamente agricultores, os núcleos alemães receberam profissionais de diversas áreas, o que contribuiu para o seu dinamismo. “Enquanto os alemães traziam engenheiros, professores, jornalistas e padres, vinham exclusivamente italianos agricultores”¹¹. O Cônsul Gherardo observava também a questão da língua (eram vários os dialetos falados nas colônias italianas: o vêneto, o genovês, o bergamasco e que em certa medida, contribuíram para mantê-las divididas dificultando a difusão da italianidade, um dos principais objetivos dos cônsules e, pode-se acrescentar aqui, o associativismo e a criação de uma imprensa em língua italiana, dificuldade não encontrada pelos núcleos coloniais do Vale do Itajaí e do Norte); o catolicismo italiano¹²; a maior atenção do governo alemão em relação a seus emigrados, a maior influência política exercida pelas colônias alemãs (em função de sua organização e unidade); o maior número de escolas entre os teutos; o maior analfabetismo entre os italianos. E, referindo-se a Blumenau, constatou que:

As vendas bem provisionadas demonstram necessidades próprias de uma população bem civilizada. As estradas são bem cuidadas, e por tudo reina a ordem e a limpeza. O viajante crê-se transportado a uma cidade suíça ou alemã.

¹⁰ DAL'ALBA, João Leonir. *Imigração italiana em Santa Catarina*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul; Florianópolis: Lunardelli, 1983, p. 114.

¹¹ DAL'ALBA, João Leonir. “Imigrantes italianos em Santa Catarina”. In: DE BONI, A *presença italiana...*, vol. 1, p. 152. Sobre o dinamismo dos núcleos coloniais do Vale do Itajaí e Norte do Estado, ver PIAZZA, *Santa Catarina...* Este autor elabora um quadro sobre a evolução da mão de obra na colônia Blumenau entre 1860 a 1876. Além disso, no capítulo “Ruralismo, Urbanização, Industrialização”, faz a biografia de 16 empresários, todos imigrantes europeus e descendentes (15 alemães e 1 italiano); vários deles eram já empresários ou comerciantes na Alemanha ou tinham uma formação e trabalhavam como técnicos, trazendo essa experiência e também capitais. Ver também: SOUTO, Américo A. da Costa. *Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis: Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina – CEAG/SC, 1980. HERING, Maria Luiza Renaux. *Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: Editora da FURB, 1987.

¹² Nos relatórios Consulares aparece uma disputa de poder entre as autoridades eclesiásticas e os Cônsules para conseguir a autoridade sobre os núcleos coloniais. Os padres construíram igrejas, capelas, oratório, institutos religiosos, com recursos dos colonos. O cônsul Pio di Savóia acusava os padres pela inércia de alguns núcleos coloniais italianos. É importante ressaltar que entre 1895 e 1913 foram produzidos sete relatórios pelos Cônsules. Neles eram destacadas as atividades econômicas e comerciais, a Preservação do patriotismo italiano que deveria ser difundido principalmente pelas escolas. Essas reflexões podem ser encontradas em: OTTO, Clarícia. *Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930)*. Florianópolis: Insular, 2006. Outro dado importante é a quantidade expressiva de protestantes nos núcleos coloniais do Vale e do Norte, basta dizer que no município de Blumenau, em 1883, havia 16.380 habitantes, dos quais 10.088 eram protestantes (61,5%) e 6.290 (35,5%) católicos. Já na colônia Dona Francisca, em 1861, a população era de 3.050, dos quais, 2.437 não eram católicos. PIAZZA, *Santa Catarina...*

*Quando, então, tiver feito uma visita às escolas, às redações do 'Urwaldsbote' e do Blumenauer Zeitung, às tipografias, livrarias e papelarias, aos estabelecimentos fotográficos, ao Club.*¹³

Gherardo, ao fazer a comparação entre as colônias italianas e alemãs, aponta para a autonomia local e o abandono de algumas colônias de Santa Catarina, frente a um aparelho estatal limitado e provinciano; ao mesmo tempo, evidencia as diferentes estruturas de poder colonial entre o Sul e o Vale do Itajaí. Outra diferença na constituição dos núcleos coloniais fundados no Vale do Itajaí e no Sul do estado pode ser observada na medida em que nas primeiras procurou-se evitar a formação de núcleos coloniais etnicamente mistos. Colonos italianos e alemães eram mantidos distantes. No Sul do estado, a partir de 1877, se abandonou a constituição de núcleos coloniais etnicamente homogêneos. Em “Criciúma (1880) e Cocal (1885), os lotes foram distribuídos de tal modo que cada italiano se encontrasse entre um polonês e um brasileiro”¹⁴. Outro exemplo foi à colônia Grão Pará, constituída também por imigrantes de várias nacionalidades. Como se pode observar no discurso do Cônsul italiano Gherardo Pio de Savoia, mesmo depois de 25 anos de colonização, as colônias italianas do Sul Catarinense não conseguiam se desenvolver. Na mesma situação, encontravam-se os núcleos coloniais alemães do Vale do Braço do Norte, que foram “deixados ao léu, sem organização, sem vias de comunicação, sem o apoio direto da Alemanha, essas colônias tiveram um perfil semelhante ao das colônias italianas, de progresso lento e quase estagnação”¹⁵. Na mesma condição, encontravam-se também os poloneses estabelecidos na região. Vê-se que as dificuldades dos núcleos coloniais não foram somente dos primeiros anos, quando da sua instalação; elas adentraram o século XX e se estenderam por praticamente toda a Primeira República.

Além dos argumentos apontados pelo Cônsul italiano para justificar o atraso dos núcleos coloniais do Sul Catarinense, pode-se acrescentar outros elementos. A imprensa luso-brasileira de Laguna não via com bons olhos a chegada dos imigrantes na região e fazia os seguintes questionamentos: “Não tem o Brasil miseráveis que chega? Por que introduzir esses esfarrapados italianos, à custa de enormes somas do erário público, que serão sempre um peso para a nação?”¹⁶ Esse discurso sofrera mudanças à medida que os comerciantes das cidades de Laguna, Tubarão e Araranguá passaram a intermediar os produtos produzidos nos núcleos coloniais, acarretando em um processo inverso, pois os dirigentes locais passaram então a incentivar a vinda de imigrantes. Corroborando o exposto o ofício enviado pela Câmara Municipal de Tubarão datado de seis de outubro de 1888, ao Ministro e

¹³ DALL'ALBA, *Imigração italiana...*, p. 104. Segundo Piazza, quando chegam os primeiros imigrantes italianos no Sul Catarinense, em 1877, já havia na colônia Blumenau 125 engenhos de farinha, 126 engenhos de açúcar, 102 alambiques, 22 moinhos, 30 engenhos de cerrar, 5 fábricas de cerveja, 1 fábrica de vinagre e 10 olarias. PIAZZA, *Santa Catarina...*, p. 340.

¹⁴ Os relatórios dos Cônsules Gherardo Pio de Savóia e Caruso MacDonald ressaltam que no Sul Catarinense o governo procurou assentar imigrantes de várias nacionalidades. DALL'ALBA, *Imigração italiana...*, p. 105, p. 159.

¹⁵ DALL'ALBA, *Imigração italiana...*, p. 145.

¹⁶ DALL'ALBA, *Imigração italiana...*, p. 150.

Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura Comércio e Obras Públicas no qual se explicitavam “quatro medidas que por seu turno tornar-se-ão poderosos motivos de atração e estímulo a novas correntes de imigração, e que devem sem a mínima protelação, ser postas em prática” para permitir a circulação do excedente produzido e assim “impulsionar o desenvolvimento dos núcleos coloniais aqui estabelecidos”. A primeira medida seria a construção de duas vias principais de comunicação: “uma pondo em contato os núcleos de Criciúma e Accioli de Vasconcelos com o mercado da Vila de Araranguá, e outra ligando, pela sua parte setentrional, o primeiro desses núcleos com Urussanga, Treze de Maio e a Vila de Tubarão”. Já a segunda medida enfatizava a necessidade da “construção mais acelerada de caminhos vicinais, entre as diferentes linhas dos núcleos e a respectiva artéria principal”. Quanto à terceira medida, era solicitada a “discriminação das grandes extensões de território devoluto, que a Câmara afirma existir nas proximidades de Criciúma, Araranguá e outros pontos; retalhando-as em lotes coloniais e dando-lhes imediatamente viação”. Por fim, a quarta medida apontava para a “reorganização completa do serviço já existente relativo ao estabelecimento de colonos, por forma, quer garantir a propriedade particular, quer os interesses do Estado”. Dois dias depois, a Câmara Municipal de Tubarão encaminhava outro ofício, agora, para o Presidente da Diretoria da Sociedade Central de Imigração. Neste ofício a Câmara solicitava do Governo “providências imprescindíveis à salvação, e consecutivo desenvolvimento, da colonização nesta parte da província”. O ofício concluía solicitando à Sociedade Central de Imigração mais uma vez apoio, pois que “com seus relevantes serviços, o incremento e prosseguimento da colonização e o aproveitamento dos nossos extensos territórios devolutos e improdutivos”¹⁷.

No Sul catarinense durante toda a Primeira República o domínio sócio político e econômico esteve nas mãos das elites luso-brasileiras já estabelecidas na região muito antes da chegada dos imigrantes europeus. Estabelecidas nos centros urbanos dos três principais municípios da região: Araranguá, Tubarão e Laguna, nesta última estava o porto por onde eram escoadas a produção dos núcleos coloniais da região. Estas elites buscaram manter o domínio sobre os núcleos coloniais, basta dizer que interferiram e não queriam permitir a emancipação política desses núcleos, pois até a década de 1930 “havia somente três núcleos coloniais emancipados na região: Urussanga (1900), Orleans (1913) e Criciúma (1925)”¹⁸. Já nas regiões do Vale do Itajaí e Norte durante a Primeira República havia vários municípios constituídos a partir dos núcleos coloniais e com franco desenvolvimento no comércio e indústria.

Durante boa parte da Primeira República as populações dos núcleos coloniais do Sul Catarinense viveram praticamente isoladas sem vias de comunicação com os principais centros urbanos da região. Isolados em seus núcleos, os colonos mantiveram seus costumes, língua e religião, o que contribuiu para recriarem e criarem uma identidade própria que os diferenciava das elites luso-brasileiras

¹⁷ DAL'ALBA, *Imigração italiana...*, p. 82 a 84.

¹⁸ ZANELATTO, João Henrique. *Região, etnicidade e política: o Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930*. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007, p. 156. Neste estudo demonstramos as articulações das elites luso-brasileiras para que os núcleos coloniais não conseguissem sua emancipação política.

estabelecidas nos centros urbanos de Laguna, Tubarão e Araranguá¹⁹. A inserção sociopolítica das áreas de imigração foi ocorrendo no final dos anos de 1920 e no pós-1930 em especial o município de Criciúma influenciado pela política do governo de Getúlio Vargas de valorização da exploração do carvão mineral²⁰.

*No Sul Catarinense as mudanças no cenário político, econômico e social começam a ocorrer a partir da década de 1920 com a exploração do carvão. O carvão provocou a vinda de vários empresários (Henrique Lage) que se associam a alguns imigrantes. É neste contexto que algumas áreas de imigração (Criciúma e Urussanga) começam a despontar.*²¹

No que tange as comparações exposta pelo Consul Gherardo Pio di Savóia em seu relatório ao governo italiano parece haver uma certa homogeneização quando aborda o desenvolvimento das colônias do Vale do Itajaí e Norte do estado. Em seu relatório todos os núcleos coloniais do Vale e Norte obtiveram um significativo desenvolvimento, dado que merece uma reflexão, pois é preciso pensar na trajetória particular de algumas colônias daquelas regiões. Exemplo disso foram os vários núcleos coloniais italianos (Porto Franco, Lajeado Alto, Rodeio, Ascurra, Rio dos Cedros e Apiúna) lá estabelecidos e que até 1910 encontrava-se em situação longe de ser promissora²².

Atraso e fracasso dos núcleos coloniais do Sul Catarinense na historiografia local

Na historiografia local²³ comumente são apontados como elementos para as dificuldades, fracasso ou atraso dos núcleos coloniais do Sul Catarinense o isolamento desses núcleos em função das vias de comunicação, as taxas de exportação, os intermediários impedindo, dificultando ou encarecendo o escoamento dos produtos

¹⁹ ZANELATTO, *Região, etnicidade e Política...*, p. 175

²⁰ Entre 1917 e 1922 foram fundadas cinco companhias carboníferas: a CBCA (Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá), a CCV (Companhia Carbonífera Urussanga S. A.), a Companhia Carbonífera Prospera S. A., a Companhia Ítalo-brasileira LTDA., e a Companhia de Mineração Barro Branco. Na década de 1930 foram criadas outras quatro carboníferas. GOULART FILHO. *Formação Econômica de Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002, p. 88.

²¹ ZANELATTO, João Henrique. "O Integralismo e a política regional em Santa Catarina". *Dimensões - Revista Eletrônica de História da UFES*, Vitória, PPGHIS-UFES, vol. 26, 2011, p. 333-334.

²² Sobre a situação de estagnação de vários núcleos coloniais italianos ver: GORSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.

²³ Dentre as obras da historiografia local que apontam elementos para as dificuldades, fracasso ou atraso dos núcleos coloniais, destaca-se MARZANO, Luigi. *Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil*. Tradução de João Leonir Dall'Alba. Florianópolis: Editora da UFSC/ Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985. MARQUES, Agenor Neves. *História de Urussanga*. Prefeitura Municipal de Urussanga, 1979. BELOLLI, Mario. "A colonização italiana na região de Criciúma (1880-1925)". In: PIAZZA, Walter F. (org.). *Italianos em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 2001. VETTORETTI, Amadio. "A Colonização Italiana nos Vales do Tubarão e do Urussanga e a Colônia Grão Pará". In: PIAZZA, *Italianos...*; DALL'ALBA, *Imigração italiana...*; BALDIN, Nelma. *Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil: os vênetos em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, Editora da UFSC, 1999.

coloniais aos centros consumidores bem como o acesso aos manufaturados. É apontada ainda “a falta de lideranças, tanto na política, como no comércio, como na indústria”²⁴. O colono era visto como laborioso, “mas individualista, analfabeto, não conseguia organizar-se em associações para melhor comercializar suas safras abundantes”²⁵. Os colonos do Sul do Estado “sentiam-se espezinhados pelos demais habitantes da região e autoridades diretamente envolvidas no gerenciamento das colônias e, de outra parte, também se sentiram abandonados política e economicamente pelo governo do Estado”²⁶. A citação destaca três aspectos das dificuldades dos núcleos coloniais: além de ressaltar o abandono dos colonos por parte do Estado e o tratamento autoritário dado pelos gerenciadores das colônias, deixam indícios de uma tensão entre os imigrantes e seus descendentes que viviam isolados em seus núcleos extremamente ruralizados e os luso-brasileiros estabelecidos nos centros urbanos de Tubarão, Laguna e Araranguá²⁷.

Em meio a todas essas dificuldades, os colonos criaram algum organismo para sua defesa? Há indícios de que praticamente o único organismo para defender os interesses dos núcleos coloniais do Sul Catarinense foi a criação, em 1891, da “Federação de Cooperativas das Colônias Italianas do Sul do Estado de Santa Catarina” e uma Associação chamada “Società di Mutuo Socorro Fratellanza Italiana”, com princípios de uma irmandade. Sua criação foi incentivada pelo Cônsul italiano em Florianópolis, Alberto Rotti. Faziam parte os núcleos de Urussanga, Nova Veneza, Nova Treviso, Azambuja, Nova Belluno, Cocal, Criciúma, Nova Orleans, Armazém... A Federação e a Fratellanza tinham como lema: “A União Faz a Força”, e dentre os seus principais objetivos destacavam-se: a promoção dos interesses das colônias e da sociedade em relação ao Brasil e à Itália; fortalecer política e economicamente os núcleos coloniais, manter vivos no coração dos imigrantes os laços de amor para com a pátria Itália, inculcar nos membros dos núcleos que deveriam reunir-se num só fascio, para sustentar-se e proteger-se com eficácia e resultado; buscaram, além do mútuo socorro e beneficência, a criação de escolas para educação de seus filhos²⁸. A ideia da Associação e da Federação espalhou-se por todas as colônias de imigrantes italianos de Santa Catarina, que rapidamente aderiram ao programa, tornando-se sócios. A Sede Geral da Fratellanza foi construída no centro de Florianópolis, com recursos vindos de todos os associados. Contudo, a criação da Cooperativa não foi muito bem vista pelas lideranças políticas, tanto estaduais quanto locais. “Essa união representava, na verdade, uma ameaça aos olhos dos poderes constituídos”²⁹. Assim, dois anos depois de constituída, sofrendo fortes campanhas oposicionistas incentivadas pelas próprias autoridades estaduais, que a acusavam de fascista, a

²⁴ DALL'ALBA, João Leonir. “Imigrantes italianos em Santa Catarina”. In: DE BONI, *A presença Italiana...*, p. 156.

²⁵ DALL'ALBA, *Imigrantes italianos...*, p. 156.

²⁶ BALDIN, *Tão fortes...*, p. 113.

²⁷ Sobre as tensões entre os imigrantes europeus e seus descendentes com os lusos brasileiros ver: ZANELATTO, *Região, Etnicidade...*; SILVA, Elias Manoel da. *A Palmatória “Orleans já teve um tempo perigoso”*: Revolta Social em área de imigração no Sul de Santa Catarina na Velha República. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

²⁸ MARZANO, *Colonos e missionário...*; BALDIN, *Tão fortes...*

²⁹ BALDIN, *Tão fortes...*, p. 114.

cooperativa acabou sendo desfeita. Desfazia-se a cooperativa e mantinha-se somente a Associação das Colônias Italianas de Santa Catarina, abandonando suas funções políticas, desenvolvendo, então, somente atividades culturais e sociais até a Segunda Guerra Mundial, quando foi pressionada pelo governo para sua extinção. Para sobreviver, mudou o nome, passando a chamar-se Sociedade XX de Setembro, e mesmo depois da guerra não conseguiu mais se reerguer.

Os núcleos coloniais na imprensa: algumas comparações

As dificuldades enfrentadas pelos núcleos coloniais do Sul Catarinense bem como as diferenças e comparações com outras regiões eram também explicitadas nos jornais locais. Nesses jornais, os problemas relativos às vias de comunicação, o isolamento dos núcleos colonial foi uma constante. Escoar a produção agrícola para as praças de Laguna e Tubarão constituía-se em um obstáculo a ser vencido diariamente pelos colonos. Em tais condições era compreensível que os jornais, ao tecerem críticas ao governo pelo abandono do Sul Catarinense, comparassem com a prosperidade alcançada por outras regiões. Além disso, para os comerciantes de Laguna e Tubarão que financiavam os jornais e eram os intermediadores dos produtos trazidos dos núcleos coloniais, as vias de comunicação constituíam um empecilho para seus negócios.

Com o título “O Sul exige o mesmo que o Norte”, o semanário *Correio do Sul*³⁰, editado em Laguna, explicitava as dificuldades dos colonos e comerciantes de Urussanga, Criciúma e Araranguá nos primeiros anos do século XX, em virtude das condições da estrada que ligava essas comunidades até Laguna, para o escoamento dos seus produtos via porto. O referido jornal exigia que o governo do estado tratasse o Sul agrícola com a mesma atenção dada ao Norte industrial. Dizia que lá as estradas contribuíam para o progresso, e os produtos industrializados tinham como chegar rapidamente aos portos de Itajaí e São Francisco. O jornal finalizava lançando duas questões: a primeira perguntava se a produção do Sul Catarinense para exportação não gerava a mesma riqueza tanto para a região quanto para o aumento da arrecadação pública. Já a segunda se dirigia ao chefe do executivo estadual, o governador Gustavo Richard, que fazia empréstimos para embelezar Florianópolis, e questionava por que não pedia dinheiro lá fora para que os colonos permanecessem na região Sul, já que estavam ameaçando migrar para a Argentina. Muitas dessas ameaças acabavam se concretizando, como informava o *jornal do Comércio* de Laguna. “No curto espaço de dois meses, cerca de duzentos colonos retiraram-se àquele destino, quase todos de Urussanga e Cresciúma”³¹. Além das dificuldades para transportar suas mercadorias em caminhos que impunham enormes sacrifícios, os colonos reclamavam dos baixíssimos preços pagos por suas mercadorias nas praças de Tubarão e Laguna. As reclamações quanto à falta de estradas e as condições das existentes junto com a ameaça de imigração para a Argentina foram

³⁰ Essa matéria foi publicada pelo *Diário Catarinense*. Florianópolis, 29 ago. 1997.

³¹ *Jornal do Comércio*, Laguna, 23 out. 1904. Sobre a migração para a Argentina ver também relatório do Cônsul Giuseppe Caruso MacDonald, Regente Geral do Consulado Italiano em Florianópolis de 1906.

uma constante nas primeiras duas décadas do século XX³². Para além das questões levantadas pelo semanário *Correio do Sul*, pode-se ainda fazer outras inferências: do ponto de vista econômico, observam-se profundas diferenças entre o Sul Catarinense e as regiões do Vale do Itajaí e o Norte do estado, principalmente no que tange aos núcleos coloniais. Ao que parece, enquanto a primeira permanecia estagnada ou caminhando a passos lentos, as outras estavam em pleno desenvolvimento.

No aspecto político, tudo indica a pouca expressão dos núcleos coloniais em âmbito estadual visto que os reclames dos colonos não tinham ressonância junto ao governo do estado. No âmbito local, pode-se observar o domínio econômico das cidades de Laguna e Tubarão sobre os núcleos coloniais. Diferenciando-se do Sul Catarinense, o Vale do Itajaí, na região Nordeste e o Norte do estado, desde a Primeira República, os imigrantes alemães e italianos e seus descendentes conseguiram ter um domínio econômico e político em âmbito local e regional. Nessas duas regiões, estavam as duas maiores cidades do estado: Blumenau, com 72 mil habitantes, e Joinville, com 42 mil. “A cena política até 1930 foi dominada, em parte, por políticos vinculados ao Vale do Itajaí: Lauro Müller, Felipe Schmidt, os Konder e Hercílio Luz”³³. Os três principais governadores do estado durante a Primeira República, Lauro Müller, Hercílio Luz e Adolfo Konder tinham ligações com o Vale do Itajaí. Lauro Müller foi governador do estado por três vezes, chefe supremo do Partido Republicano Catarinense destacando-se também na política federal. Governador do estado por três vezes, Hercílio Pedro da Luz, muito embora não tenha nascido no Vale do Itajaí, entrou na política a partir de Blumenau. “Ali, em 1891, ele foi chefe local da inspetoria de terras e Colonização, quando manteve um contato permanente com os colonos”³⁴. Quando assumiu o governo do estado pela primeira vez, foi apoiado por importantes empresários de Blumenau e Brusque que pretendiam reverter este apoio em vantagens para a indústria do Vale do Itajaí³⁵. Quanto a Adolfo Konder, foi governador entre 1926 e 1930, e iniciou sua carreira política quando o governador Hercílio Luz convidou-o para assumir a Secretaria de Estado de Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura³⁶. Outro político de destaque proveniente do Vale do Itajaí na Primeira República foi Victor Konder, irmão de Adolfo, advogado, um dos fundadores da empresa industrial Garcia. Iniciou sua carreira política em Blumenau, foi Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda, Viação e Obras Públicas e Agricultura no governo Hercílio Luz (1922-1926), Ministro de Estado dos

³² Sobre as estradas do Sul Catarinense, em 25 de janeiro de 1913, um grupo de mais de 400 colonos se reuniram e redigiram um documento para o governador Vidal Ramos, destacando a falta e as péssimas condições das estradas que ligavam a região ao porto de Laguna. O documento foi publicado no *Jornal da Manhã*, 8 set. 1997.

³³ SEYFERTH, Giralda. “Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 26, out. 1994, p. 115-6.

³⁴ FROTCHER, Méri. *Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003, p. 40.

³⁵ SOUTO, Américo A. da Costa. *Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis: Centro de Assistência Gerência de Santa Catarina - GEAG/SC, 1980, p. 82.

³⁶ PIAZZA, Walter (org.). *Dicionário político catarinense*. Florianópolis: Edição da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 358.

Negócios da Viação e Obras públicas de Washington Luís³⁷. Além dos cargos de governador, secretário e ministro ocupados por representantes do Vale do Itajaí, havia também um número significativo de deputados estaduais da região eleitos durante a Primeira República. Eram 17 o número de deputados estaduais que durante a Primeira República representavam o Vale do Itajaí na Assembleia Legislativa³⁸. Destes deputados, quase todos eram vinculados diretamente ao comércio e à indústria. Além deles, que ocupavam cargos políticos, havia muitas pessoas ligadas às elites econômicas da região que, mesmo sem ocupar cargos políticos, faziam articulações e barganhas, pois detinham muito poder³⁹. Observa-se aqui o domínio político do Vale do Itajaí durante a Primeira República, e que certamente converteu-se em benefícios para as elites econômicas da região. A historiadora Méri Frotcher demonstra em sua tese, que através da política, barganhava-se em favor dos interesses privados. Ao analisar algumas biografias de pessoas que detinham liderança em Blumenau e no Vale do Itajaí, como Pedro Christiano Feddersen⁴⁰, Curt Hering⁴¹ e Gustav Artur Koehler⁴², percebe que “não somente às ligações entre a esfera pública e privada, como também a convertibilidade de capitais, no sentido formulado por Pierre Bourdieu”⁴³. A forte influência de políticos do Vale do Itajaí na política estadual ficou ainda maior, sobretudo no final da Primeira República, quando “Pedro Christiano Feddersen, juntamente com o também comerciante Marcos Konder (pai de Adolfo), elaboraram, juntos, o programa financeiro do governo estadual de Adolfo Konder (1926-1930)”⁴⁴.

A oposição aos grupos políticos provenientes do Vale do Itajaí e Norte do estado vinha do Planalto Serrano, em especial da família Ramos. Em 1929 os Ramos

³⁷ PIAZZA, *Dicionário político...*, p. 360.

³⁸ Sobre a representação política do Vale do Itajaí na Assembleia Legislativa ver: PIAZZA, *Dicionário político...*, e CABRAL, Oswaldo R. *Breve notícia sobre o poder legislativo de Santa Catarina: suas legislaturas e seus legisladores – 1835 a 1974*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

³⁹ BARRETO, Cristiane. *Entre laços e nós: formação e atuação das elites no Vale do Itajaí (1889-1930)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1997. A autora faz uma análise dos laços existentes entre algumas famílias do Vale do Itajaí.

⁴⁰ Christiano Pedro Feddersen era proprietário de uma das principais casas comerciais de Blumenau, a Companhia Salinger S. A., com diversas filiais no interior do município, articulador de interesses para construir a Estrada de Ferro Santa Catarina e sócio na construção de uma usina elétrica. Na política foi presidente do Conselho Municipal de Blumenau por duas vezes e deputado estadual por sete vezes. Também se destacou como membro e integrante de diversas entidades de caráter esportivo e cultural de Blumenau.

⁴¹ Curt Hering, industrial proprietário da Companhia Hering, a maior indústria têxtil de Blumenau. Foi Conselheiro Municipal e Superintendente Municipal por duas vezes. Membro da Sociedade Teatral e Musical Frohsinn e da Associação Escolar da “escola alemã” de Blumenau.

⁴² Gustav Artur Koehler, proprietário do jornal *Urwaldsbote*, publicado em língua alemã e com a maior tiragem no estado. Embora não exercesse cargo político, exercia grande influência na esfera pública. Koehler mantinha estreitas relações com os irmãos Konder do PRC, o *Urwaldsbote* representava os interesses destes políticos. Era também membro de diversas entidades esportivas e culturais de Blumenau e do Vale do Itajaí: Sociedade de Ginástica de Blumenau, Liga de Clube de Ginástica do Vale do Itajaí, Clube de Atiradores...

⁴³ FROTCHER, *Da celebração...*, p. 41.

⁴⁴ FROTCHER, *Da celebração...*, p. 43.

fundaram a Aliança Liberal estabelecendo uma ruptura definitiva com o Partido Republicano Catarinense, deflagrando um conflito com a família Konder. Na campanha eleitoral para presidência da república, o governador catarinense Adolf Konder apoiou o candidato republicano Júlio Prestes e os Ramos apoiaram Getúlio Vargas, candidato da Aliança Liberal. As mudanças provocadas pelo movimento de 1930 que colocaram Vargas no poder inverteram o domínio político em Santa Catarina. No pós-30 os Ramos ascenderam ao poder político do estado e iniciaram uma campanha contra as áreas de imigração do Norte e Vale do Itajaí⁴⁵.

Rapidamente mostrou-se a força política dos imigrantes e seus descendentes estabelecidos no Vale do Itajaí durante a Primeira República, tanto em âmbito local como regional. Por outro lado, como se viu no Sul Catarinense, os imigrantes e seus descendentes enfrentavam uma situação longe de se dizer promissora ou próxima dos seus “irmãos” do Vale e Norte. Essas comparações apontaram para diferentes formas de como os imigrantes europeus e seus descendentes foram se inserindo socioeconômico e politicamente em Santa Catarina.

Mesmo depois da década de 1920, quando os ramais da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina já haviam chegado a Criciúma, Urussanga e também em Araranguá era possível encontrar notícias nos jornais locais apontando ainda para dificuldades dos núcleos coloniais principalmente no que tange às estradas para o escoamento dos produtos. Com a matéria intitulada “Um Alvitre” o jornal *O Mineiro*, de Criciúma, se dirigia ao superintendente municipal, o Senhor Marcos Rovaris, salientando a importância da abertura de estradas para o progresso do município que havia sido criado recentemente. O articulista do jornal, ao referir-se aos núcleos coloniais, perguntava “o que nos adianta saber que localidades próximas como São Bento, Forquilha, Sangão e tantas outras produzem anualmente enormes quantidades de gêneros da nossa agricultura e sentem-se peiadas pela falta de transporte, que rapidamente, conduzam a essa sede para dali serem destinados aos portos de saída como Laguna e Imbituba?”⁴⁶ Seguindo na mesma linha, o jornal *O Correio*, de Orleans, exaltava a construção da rodovia Laguna-Tubarão que ligaria os municípios do Sul. O referido periódico enfatizava que o “Sul precisa despertar dessa lethargia, o nosso progresso é muito moroso e não está de acordo com a época que atravessamos”⁴⁷. Nesta época, os jornais ainda faziam comparações entre as regiões. No jornal *O Direito* de Orleans, as cidades do Vale do Itajaí e do Norte eram exaltadas como “verdadeiras colmeias de trabalho, onde a riqueza particular é invejavelmente vultuosa”⁴⁸. Argumentava que o progresso dessas regiões se justificava, pois receberam as melhores estradas de ferro e de rodagem. “Enquanto o Norte prosperava, o Sul estacionava lamentavelmente por falta unicamente de estradas”⁴⁹.

⁴⁵ Sobre as disputas políticas entre as famílias Konder e Ramos ver: ZANELATTO, “O Integralismo e a política...”, p. 331-339.

⁴⁶ *O Mineiro*, Criciúma, ano I, n. 8, 15 abr. 1926.

⁴⁷ *O Correio*. Orleans, ano I, n. 20, 29 jan. 1928. Os periódicos *A Paz e Cidade* enfatizavam também a importância da construção de estradas para o progresso da região.

⁴⁸ *O Direito*, ano II, n. 50, 1º mai. 1927.

⁴⁹ *O Direito*, ano II, n. 50, 1º mai. 1927.

Assim, através desta breve comparação entre as regiões Sul, Vale do Itajaí e Norte, procurou-se apontar para diferenças e peculiaridades da imigração europeia em Santa Catarina e a inserção sócio-político dos imigrantes e seus descendentes. Certamente outras diferenças e peculiaridades entre essas regiões podem ser encontradas e contribuiriam para explicar o processo de imigração europeia e inserção sócio-político dos imigrantes e seus descendentes em Santa Catarina. Mas isso exige um outro escrito.



RESUMO

Em Santa Catarina a imigração europeia foi ocorrendo com maior intensidade a partir de 1850. Imigrantes alemães, italianos, poloneses e outros foram se estabelecendo nas regiões do Vale do Itajaí, Norte e Sul Catarinense. A inserção sócio-político desses imigrantes e os seus descendentes processou-se de maneira diferenciada nessas regiões. No artigo pretende-se através de uma análise comparativa entre as regiões do Sul, Vale e Norte do estado apontar para peculiaridades da imigração europeia em Santa Catarina, bem como a inserção sócio-econômico-político dos imigrantes e seus descendentes.

Palavras Chave: Comparação; Imigração Europeia; Santa Catarina.

ABSTRACT

In Santa Catarina the European immigration was occurring with greater intensity since 1850. German immigrants, Italians, Poles and others were settling in the regions of Vale do Itajaí, North and South of Santa Catarina. The socio-political of these immigrants and their descendants was processed differently in these regions. In the article it is intended through a comparative analysis between the southern regions, Vale and north of the state to point the peculiarities of European immigration in Santa Catarina, as well as the socio-economic and political insertion of the migrants and their descendants.

Keywords: Comparison; European Immigration; Santa Catarina.